



PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA NA PRÁTICA EDUCATIVA DO PEDAGOGO EM FORMAÇÃO

Josiane Aparecida Martim¹ - UFSM
Estela Maris Giordani² - UFSM/AMF
Márcia Cristiane Rambo³ - UFSM

Subtema 5—A responsabilidade do educador: o dever de ser o melhor para formar os melhores.

Resumo

Este artigo objetiva analisar as práticas pedagógicas de uma pedagoga em formação que descobrindo uma nova abordagem, a Pedagogia Ontopsicológica, assumiu a responsabilidade de fazer o melhor de si, e desafiou-se a colocar seus princípios em sua prática, no intuito de formar pessoas melhores. Esta pedagogia foi desenvolvida pelo Acc. Antonio Meneghetti (2014) e se tornou o guia no cotidiano das práticas pedagógicas. Usamos como fundamentos teórico-metodológico os autores Meneghetti (2014), Vidor (1977), Giordani (2014), Giordani e Mendes (2011). Partindo da abordagem metodológica qualitativa realizamos análises de experiências vivenciadas em diferentes circunstâncias educativas, escolares e extra-escolares. Compreendemos com esta pedagogia que o pedagogo em formação pode começar a conhecer mais profundamente a si mesmo como um ser existencial dotado de potencialidades, capaz de resolver situações desafiadoras com autonomia no âmbito de sua prática pedagógica. Percebemos que os princípios utilizados, do adulto como referência que informa constantemente à criança o seu estado emocional, do protagonismo responsável, da criança ser única e capaz de decidir sua vida, se tornaram eficientes e trouxeram resultados como: os problemas de comportamento foram eliminados; as crianças começaram a reagir de forma proativa e autônoma do contexto escolar até as suas casas; a formação do pedagogo com esta abordagem restituiu à ele competência profissional eficiente com resultados vivos.

Palavra-chave: Pedagogia Ontopsicológica. Práticas Pedagógicas. Formação do Pedagogo.

1. INTRODUÇÃO

1 Pedagoga em formação pela Universidade Federal de Santa Maria. martimjosi@bol.com.br

2 Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação. Especialista em Problemas de aprendizagem e Orientação de Pais em relação aos conflitos pais-filhos. Especialista Profissional em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia. Professora Associada da UFSM/CE/MEN e Pesquisadora. Coordenadora Substituta do Curso de Pedagogia Licenciatura Noturno. Professora e Pesquisadora da Faculdade Antonio Meneghetti. Sócio Proprietária do Instituto Identità dedicando-se em formar professores e pais. estela@pesquisador.cnpq.br

3 Pedagoga formada na Universidade Federal de Santa Maria.



Uma das realidades que mais nos preocupam na formação do pedagogo, em sua atuação profissional, é ser capaz de também solucionar aqueles comportamentos considerados difíceis de serem resolvidos nas escolas, tais como: a falta de vontade de aprender, a agressividade, a hiperatividade, a falta de respeito, dentre outros. Estes comportamentos acabam gerando barreiras nas dimensões cognitivas e sociais das crianças e jovens, repercutindo tanto em dificuldades de aprendizagem, desenvolvimento intelectual aquém de seu potencial, baixo desempenho escolar e, principalmente, uma inadequação de atitudes de civilidade humana. Geralmente estes comportamentos inadequados acabam gerando um jogo de empurra-empurra da responsabilidade de solução entre a família e a escola.

Alguns professores consideram que estes comportamentos são originados na família e que não tem como solucionar no contexto de sala de aula, portanto, acreditam que não cabe à eles resolverem os problemas e sim as famílias, pois, argumentam dizendo que “a educação deve vir de casa”. Portanto, existe uma concepção subjacente a estas posturas de que a função educativa cabe aos pais e, à escola cabe o ensino. Contudo, tais comportamentos não apenas desafiam os professores como também os pais. Por sua vez, alguns pais, consideram que os problemas que se desencadeiam na escola devem ser solucionados por ela. E, recorrente são os argumentos de que, tanto os professores, quanto os pais, já tentaram fazer de tudo, mas que, de fato, não conseguem modificar os comportamentos das crianças. Esta problemática indica que a pedagogia utilizada no contexto da família e da escola é carente de recursos para modificar os comportamentos de crianças e adolescentes.

Diante disso, o pedagogo no exercício de sua profissão fica refém da falta de recursos para fazer pedagogia. E, embora atribuindo a falta de solução à todas estas justificativas, se sente infeliz, inseguro e incapaz para cumprir com a sua função de educar. Entrando em contato com os princípios da Pedagogia Ontopsicológica, estas justificativas não se sustentam mais. Na medida em que fomos compreendendo a lógica que havia por trás desta abordagem, percebemos o verdadeiro significado de ser pedagogo, e aos poucos fomos fazendo conquistas que poderiam ser consideradas “impossíveis” ou até “milagrosas”, contudo, seguindo estes princípios o caos se transforma em ordem.

Entendemos que é de responsabilidade do pedagogo saber solucionar os problemas que percebe no contexto de sala de aula. Cabe a ele saber diagnosticar e resolver, sem ficar atribuindo os problemas aos outros quando não dispõe de instrumentos eficientes para solucionar. O pedagogo no seu processo de formação acadêmica nunca é colocado em questão. Nos bancos da universidade aprendemos a questionar tudo, menos a nós mesmos, “o professor vê-se obrigado a mudar os outros, nunca a si mesmo [...]. Ensinando os símbolos através dos quais passa a gestão da existência, esquece a verificação de si mesmo” (MENEGHETTI, 1994, p.161). E, a partir do contato com Meneghetti nos desafiamos e nos colocamos em xeque-mate: se nós não conseguimos resolver os problemas, significa que talvez, a pedagogia que estamos utilizando não esteja adequada. Portanto, com esta pedagogia não temos alibis de ficar achando que os problemas derivam das famílias, do planejamento da aula, das crianças, da falta de estrutura das escolas, da política educacional, da falta de material para trabalhar, do salário miserável que o professor ganha, do Governo que não auxilia, das crianças que são assim em todo o lugar, sempre agitadas, desobedientes e respondonas, completamente sem limites, ou ainda outras justificativas. Somos capazes de intervir e solucionar.



A intenção deste trabalho é exatamente demonstrar como, a partir dos princípios teórico-metodológicos da Pedagogia Ontopsicológica, é possível modificar esta realidade, tanto em contextos familiares, quanto nas escolas. Este trabalho objetiva: 1) analisar a experiência vivenciada por uma pedagoga no período de 2015 aos dias atuais, aplicando os princípios da Pedagogia Ontopsicológica; 2) refletir sobre a importância desta abordagem pedagógica na formação profissional do pedagogo no contexto escolar contemporâneo; 3) avaliar o impacto desta abordagem na solução de problemas pedagógicos considerados “difíceis de serem solucionados” nos contextos escolares.

2. DESENVOLVIMENTO

Para a ciência Ontopsicológica o ser humano é capaz de aprender qualquer coisa a partir de dentro, do seu interior, pois aprendizagem significa: “me apropriar a partir do íntimo, disposição a perceber o que é para mim. a) Aquisição de modelos operativos; b) com memória de repetição.” (MENEGETTI, 2012, p.24). Por isso, como nós nascemos dentro de uma família, somos educados a assumir os mesmos modelos operativos e estereótipos da cultura familiar, e com isso construímos a nossa vida, não conforme a novidade do nosso ser, mas aquilo que nossos pais nos ensinaram, constituindo-se um modelo de aprendizagem de fora para dentro, portanto, de assimilação de uma realidade que não lhe é própria. Assim, se repete o ciclo, visto que também nós, muitas vezes, fazemos o que eles fizeram. Conforme Meneghetti (2007), “O problema da pedagogia até então foi educar a criança mantendo-a cindida de seu Em Si ôntico nativo” (p.47). E, quando somos desafiados dentro de nós mesmos, temos a possibilidade de viver a vida a partir do critério do nosso Em Si ôntico, e não somente conforme os estereótipos fixos aprendidos no contexto da família e das relações sociais.

Evidenciamos neste trabalho alguns dos princípios da Pedagogia Ontopsicológica utilizados como referência nas práticas pedagógicas desenvolvidas: a) adulto de referência é determinante na interação com a criança, e disso deriva a força dinâmica interior que impulsiona a mudança de comportamento na criança (conceito de díade provisório-ocasional); b) protagonismo responsável – de ambos os envolvidos, professor e alunos, a criança é capaz de se responsabilizar pelas suas decisões; c) campo semântico; d) a criança é um ser com capacidade, portanto, pode escolher fazer o bem ou não. A seguir explicitamos estes princípios evidenciando nas situações pedagógicas como foram utilizados para reverter os maus comportamentos de crianças, e com isso, repercutindo positivamente em aspectos escolares, os quais antes não tinham perspectivas de serem solucionados.

Conforme os princípios da Pedagogia Ontopsicológica é fundamental analisar o adulto, ou ainda, a díade que constitui o evento criança. “Os pais modelam os filhos mais pelo modo como vivem, agem e reagem do que pelos conselhos que lhes dirigem. A dinâmica inconsciente atua antes que a decisão consciente se manifeste” (VIDOR, 1977, p. 8 - 9). As crianças respondem o que seus pais, embora inconscientemente, lhes informam constantemente.



Caso 1

Que princípios utilizamos:

- a) adulto de referência é determinante na interação com a criança;
- b) protagonismo responsável – a criança é capaz de se responsabilizar pelas suas decisões;
- d) a criança é um ser com capacidade

Em uma das situações que a pedagoga em formação fez a intervenção foi como cuidadora de um menino de 4 anos apresentava um comportamento bastante desafiador. Era rebelde, não queria ouvir os pais, e sempre parecia estar “em outro planeta”. Às vezes era agressivo e não sabia ser contrariado. Olhava com um olhar de brabeza e seriedade (assim como seus pais), como se tudo o que quisesse tinha que ser feito, não tinha limites e agia fazendo com que quem estivesse do seu lado teria que aceitar tudo o que fazia obedecendo as suas vontades, independentemente do que estava acontecendo. Ele passava muito tempo em casa assistindo a televisão, em canais de desenhos animados, a TV era seu passatempo preferido. Ele fazia as principais refeições na frente da TV. Não saía da frente da TV nem para ir ao banheiro, e só ia em última necessidade. Seus pais também passavam o tempo que estavam em casa assistindo a TV. Os pais tinham dificuldades em lidar com os comportamentos do filho.

E assim, como os pais são referência para as crianças, também a cuidadora se torna referência para esta criança, pois conforme Meneghetti (2014), considerando o conceito de diáde, as crianças são reflexos dos adultos que estão em interação. E, para modificar as crianças é preciso modificar os adultos que educam as crianças, pois os filhos reencarnam o problema de seus pais, especialmente enquanto a vida é mais maleável, até os seis anos de idade. Nesta fase, os pais ou os adultos possuem uma influência maior na vida da criança e, por isso que é fundamental uma pedagogia que considere os aspectos conscientes e inconscientes para os adultos que educam a criança. “Até os seis anos, têm-se as ‘experiências-matrizes’, depois, trata-se de evolução consequencial”. (MENEGHETTI, 2014, p. 122).

Foram realizadas atividades pedagógicas como: pintura, desenho, culinária, brincadeiras fora de sua casa, passeio pela cidade onde mora, visitas à casa de colegas - as quais tiraram seu interesse pela televisão. “A relação pedagógica entre professor e aluno é fundada sobre a completa responsabilização da pessoa do aluno e do professor. Significa que tanto o professor quanto o aluno respondem em primeira pessoa sobre as aprendizagens que ocorrem em si mesmos” (GIORDANI e MENDES, 2011, p. 48).

Na medida em que os princípios desta pedagogia são aplicados, podemos observar resultados rápidos. Neste caso podemos perceber que conforme a cuidadora fazia e falava, o comportamento da criança mudava, a ação da criança acontecia conforme a intencionalidade manifesta pelo adulto de referência. “Se queremos uma pedagogia funcional ao presente, devemos colocar as bases da técnica e da arte para colaborar com o grande projeto da vida que existe em cada criança” (MENEGHETTI, 2006, p. 14). O adulto que cumpre a função pedagógica deve auxiliar a criança a “levar a consciência no interior da força – em sentido direcional, físico, energético – quando está se construindo; porque eu sou existente, sou dentro daquilo que está fazendo, e a natureza dotou-me de reflexão” (MENEGHETTI, 2003, p.43).

As idas ao banheiro começaram a funcionar melhor, ele ia quando estava com vontade, e feliz, até aprendeu a se limpar e vestir sua roupa, lembrava que deveria puxar a descarga sem



que a todo momento precisássemos lembrar a ele. Neste caso, utilizando alguns princípios da Pedagogia Ontopsicológica conforme Giordani, “o adulto não pode substituir a criança, deve incentivar, auxiliar, orientar como se faz, supervisionar etc. mas, jamais fazer pela criança” (GIORDANI, 2014, p. 35). O menino começou a ter estas atitudes que antes não tinha. No início, quando a cuidadora iniciou seu trabalho, os próprios pais comentavam que o menino não saía da frente da TV nem para ir ao banheiro, e não colocava a roupa dele sozinho. O surpreendente é que, à medida em que os princípios desta pedagogia foram postos em prática para que estas atitudes tivessem uma mudança de comportamento, foi inebriante. Parece que houve uma transmissão de informação em que o menino sentiu que quem estava ali, estava para ajudá-lo, e não prejudicar, e reagiu com essas informações que lhe foram passadas através do diálogo firme e acolhedor.

O menino, tendo um adulto que o oriente e o questione como referência, começa a reagir de forma diferente: “a criança evoluirá na maneira como foi conhecida e amada, assumindo dentro de si mesma o superego caracterizado dentro dos próprios adultos” (MENEGHETTI, 2014, p. 58). A cuidadora foi transmitindo uma informação de confiança para o menino e dialogando para que as tarefas que lhe forem atribuídas tivessem êxito. Estas fazem com que a criança se sinta útil e capaz. Com isso, ela vai desenvolver independência, autoconfiança, coragem, determinação e satisfação de fazer algo que vai beneficiar a ela mesma, e não aos outros. Percebe que tudo que a criança faz para o seu desenvolvimento é para ela, portanto “em cada criança existe o potencial de reconhecer o lugar e a direção onde a vida é o dom gratificante” (MENEGHETTI, 2014, p. 68). Então, o problema desta criança não está nela, e sim nos comportamentos dos adultos com quem ela convivia diariamente e sentia que poderia manipular de forma que perdessem o controle dentro da própria casa.

Caso 2

Que princípios utilizamos:

- a) adulto de referência é determinante na interação com a criança;
- b) protagonismo responsável – a criança é capaz de se responsabilizar pelas suas decisões;
- d) a criança é um ser com capacidade interior e, pode escolher fazer o bem ou não.

Podemos perceber de forma semelhante na escola, da Turma de Maternal II de uma EMEI, na qual a pedagoga em questão trabalhava como auxiliar de Educação Infantil na qual havia uma menina de 4 anos que não queria comer a merenda da escola, e chorava muito. No contexto escolar a díade professor-aluno pode repetir o estilo da díade que a criança aprendeu no interior da família. “O ser humano aprendeu os seus primeiros modos lógicos e emotivos no interior da primeira relação diádica. É fundamental compreender que a díade informa, estrutura não apenas os modos lógicos, mas também aqueles emotivos” (MENEGHETTI, 2012, p. 74). Contudo, o pedagogo, em sua atuação profissional, seguindo os momentos da Pedagogia Ontopsicológica deve fazer a: “Ab-reação da mêmica societária introduzida por meio da díade, da família e da sociedade, que formaram o sujeito de maneira não funcional à sua identidade. Isso significa ultrapassar os estereótipos, os complexos, as ideologias, e identificar o Em Si ôntico” (MENEGHETTI, 2014, p. 15). Por isso, a didática pedagógica adotada para interferir neste caso era ajudar esta menina a se desenvolver como um ser humano, “com capacidades e condutas vencedoras” (p. 14).



A menina não queria comer de jeito nenhum, e o modo como reagia demonstrava que havia aprendido “[...] a astúcia da chantagem: fingindo inocência e incapacidade, usa a manipulação sobre o adulto” (p. 227). Esta menina não se aproximava do balcão do refeitório onde eram servidas as merendas. Ficava toda manhosa e dengosa, afirmava chorando que “não queria”. Desse jeito, convence o adulto, através do sentimento de pena e com isso acaba ganhando do adulto todas as atenções, este jogo não apenas repercute mas se repete muitas vezes até a fase adulta se não houver interferência de alguém que perceba como ocorre este mecanismo, ou seja, toda vez que a pessoa se vê em dificuldade, ela apela para que os outros sintam pena de si e a substitua para tentar resolver seus problemas.

A professora servia o prato e levava até ela dizendo que ela tinha que comer, mas sempre a menina rejeitava as refeições. E, assim, impunha aos professores a aceitar a sua condição conforme a realidade sofrida que vinha do contexto da díade familística. Ela usava o choro como seu aliado para comover e convencer o adulto a sentir pena dela, e para poder insistir com a sua atitude. Com esse mecanismo, ela fazia com que o adulto caísse no jogo de coação a repetir o estilo de díade internalizado nas primeiras aprendizagens da vida. O adulto também é responsável quando está com a criança naquele momento, ele percebe como fazer o adulto perder o controle da situação, e cabe ao adulto perceber o jogo da criança e responsabilizá-la.

Para então fazer a contra-informação memética sofria pela criança, a pedagoga em formação trabalhou o instinto de posse, fundamental ao processo de aprendizagem. Assim, aos poucos, fomos conduzindo a criança, por meio de um diálogo firme mas ao mesmo tempo acolhedor, olhando nos olhos e com sinceridade, falando com o máximo de realismo, com calma e tranquilidade a fim de se colocar em atitude de ajudar essa criança a encontrar o seu caminho no que diz respeito a conduzi-la a realizar escolhas baseadas nas informações de seu aqui e agora existencial (no caso a fome e a necessidade do alimento – critério organísmico) daquelas informações meméticas – a negação da refeição como forma de reação e chantagem emocional. No início a criança ficou incomodada e não queria comer, começou a choramingar dizendo “eu quero a minha vó” e “a minha vó não faz assim”. Então com uma aproximação acolhedora e firme, a pedagoga perguntou para ela: - Você está vendo os teus colegas? Todos estão comendo, e você quer ficar forte ou fraca? Então ela respondeu: - Quero ficar forte profe! Então a pedagoga disse: - Para ficar forte, o que você tem que fazer? Então ela respondeu: - Tem que comer. E assim, ao ouvir aquela pergunta, a criança foi interceptada por uma contra-informação a todo o esquema fechado que parasitava a sua voluntariedade, sua responsabilidade e sua capacidade reflexiva inteligente e racional. Essa simples forma de intervir trouxe uma mudança de atitude para criança, que começou a comer e assumiu o seu protagonismo de forma positiva e responsável.

Nesta situação, também podemos observar que por meio do campo semântico, a criança foi informada e percebeu que a mensagem interior que o adulto estava passando para ela era de confiança e, sobretudo, auxiliando o seu utilitarismo funcional. “A criança deve aprender a aplicar historicamente, momento a momento, a escolha ética exata que é indicada pela projeção do Em Si organísmico em ambiente, ou seja, pelo Eu a priori” (MENEGHETTI, 2016, p. 16). A criança foi conduzida pela pedagoga a assumir a responsabilidade de decidir o que de fato era bom para ela, e coube somente a ela decidir. Esta criança foi submetida a um confronto concreto com a sua situação real de vida, e isso permitiu que ela escolhesse fazer uma mudança de atitude, o que não estava acostumada a fazer. Muitas vezes, nós adultos negligenciamos a criança, pois acreditamos que, por ser uma pequena, não tem capacidade de compreender as coisas que acontecem ao seu redor.



Assim, o papel do adulto é de “não substituir a criança nas suas aprendizagens, auxiliá-la ensinando o caminho, como se faz, mas jamais fazer por ela, porque crescerá apenas se pagar o preço de fazer por si e assim terá a dignidade de construir bem a si mesma” (GIORDANI, 2014, p. 39). Portanto, o adulto pedagogo, na intervenção profissional, deve facilitar a criança a exercer o seu instinto de posse (do corpo, do comer, dormir, caprichos etc.) a fim de que ela se torne protagonista responsável de sua própria vida como individuação única. “A individuação consegue viver enquanto é capaz de ter o instinto de posse e de coordenar-se em eficácia sobre ele. O instinto de posse é a primeira fenomenologia da existência individuada e garante sua conservação e expansão ou crescimento” (MENEGHETTI, 2014, p. 181).

E, para que o adulto consiga intervir de forma a construir o desenvolvimento integral das crianças, é preciso que em sua vida profissional possua conhecimento de qual é o seu papel na sociedade, pois, cada um tem uma missão, e cabe desenvolver seu papel com desenvoltura, e Conforme Giordani e Mendes (2011, p. 57) “da descoberta de si, descobre-se o outro, e disso, se transforma o modo de ação para gerar mais valor à construção das pessoas e de seus contextos de vida”, pois o trabalho do professor é com seres humanos e do que vai estar fazendo com a criança vai depender como esta será um adulto. E, a pergunta que se coloca é: que tipo de adulto vou deixar para a sociedade? E o pior de tudo, tivemos a oportunidade de estar com essa criança em determinado tempo, será que somos capazes de ajudar ela? Muitas vezes não percebemos isso, mas a criança tem o poder de decisão, de decidir se quer ser boa ou ruim, mas quem deve conduzir é o adulto. Para isso, ele deve estar disposto a aprender o que lhe foi ensinado, conforme Giordani e Mendes (2011 p. 54 e 55) “o primeiro lugar da aprendizagem é o sujeito, o qual, por consequência, deve verificar a si e os seus significados, sua teoria e suas práticas, verificar se possui congruência entre o que comunica e o que aplica”. Compreendendo que a prática é a aplicação de teoria, nesta perspectiva ainda, isso depende do “fato de que tenha também ele aplicado a pedagogia em sua vida e seja um profissional que não age e não pensa conforme os padrões mentais adquiridos ou como as coisas aparecem, mas saiba colher a visão do íntimo dos eventos” (GIORDANI e MENDES 2011, p. 58). Por isso, nós que somos profissionais da educação, pedagogos, precisamos aplicar esta pedagogia também em nossa vida. Então com os princípios da Pedagogia Ontopsicológica o adulto tem a oportunidade de fazer bem o seu papel, pois ele não será qualquer adulto, mas uma pessoa que buscando-se a si mesmo. O pedagogo se desenvolvendo em sua forma única de ser, conforme o seu Em Si ôntico, em sua vida profissional pode servir de suporte ou instrumento eficiente na “arte de como coadjuvar ou evolver uma criança à realização” (MENEGHETTI, 2016, p. 14) e assim, ela exercer o seu protagonismo responsável resolvendo situações que lhe são apresentadas durante sua trajetória.

Caso 3

Que princípios utilizamos:

- a) adulto de referência é determinante na interação com a criança;
- b) protagonismo responsável – a criança é capaz de se responsabilizar pelas suas decisões;
- c) campo semântico;

No contexto da prática profissional de pedagogos, um desafio constante são os processos de inclusão de crianças com necessidades especiais. E, o terceiro caso é de um aluno incluso de 4 anos de idade que estuda no turno da tarde de uma turma de Maternal e possui Síndrome



de Down. Ele apresentava um comportamento incomum para a idade dele, fazia xixi nas calças todos os dias e, além deste problema, tinha dificuldades na fala, só pronunciava alguns sons e poucas palavras e isso aumentava a dificuldade da professora em evitar que ele fizesse xixi nas calças, pois não pedia para ir ao banheiro e, tão pouco ia sozinho.

Além das dificuldades habituais de trabalho com as crianças inclusas outra dificuldade é que estas crianças são vistas a partir de estereótipos que dificultam o trabalho pedagógico do pedagogo. Um dos mais frequentes é que são concebidos e tratados como incapazes, aumentando o assistencialismo por parte dos adultos que, no intuito de ajudar, acabam substituindo a criança até mesmo nas suas ações mais básicas como vestir-se, tomar banho, servir e comer a própria comida, entre outros. Isto gera um sentimento de incapacidade na criança, impedindo-a de exercer seu protagonismo, isso faz com que ela não acredite no seu potencial e sempre espere por alguém que a guie e resolva os seus problemas, tornando-se um peso para a família, para sociedade e para si mesma.

Ultrapassando os estereótipos que impedem muitas vezes o desenvolvimento das crianças, a pedagogia Ontopsicológica nos remete a conhecer as coisas tais quais elas são, por isso, colocar em suspensão os julgamentos e buscar a analisar a realidade que se apresenta, a fim de evidenciar o modo pelo qual é possível realizar a melhor forma de intervenção pedagógica momento a momento. E, desta forma, acrescentando aos conhecimentos pedagógicos e científicos, ela propõe esta abertura da racionalidade para colher o dado real. Pensando nesta perspectiva

portanto, a aplicabilidade do conhecimento depende, em primeiro lugar, da sua aquisição e, depois, em se colocar a testá-lo em seu cotidiano. Cada pessoa, por meio do exercício da disciplina e da vontade, pode passar a colocar aqueles princípios aprendidos e aceitos na sua experiência de vida. Assim, atinge uma compreensão maturada pela sua experiência. Quando isso ocorre, o aprendiz descobre o modo de como os conhecimentos são produzidos e também adquire a possibilidade não só de transformar os conhecimentos, mas também a de transformar-se em relação aos novos conhecimentos (GIORDANI e MENDES 2011, p. 55).

Quando somos desafiados com estas crianças especiais, começamos a perceber a importância de mudar as concepções que trazemos dentro de nós, a respeito da capacidade de cada ser, pois não nos cabe julgar, sentir pena, ou achar que as condições de determinada criança vão a impedir de desenvolver seu potencial. Quando nos colocamos com estes pensamentos, através do campo semântico, a criança imediatamente sente e passa a agir de acordo com o que esperamos dela. Por isso “mudar” significa adequar-se às coordenadas do próprio ser para coincidir com a virtualidade que se tem dentro” (MENEGHETTI, 2011, p. 245). Esta mudança deve partir do adulto, e assim, influenciará também a criança.

Acreditando na capacidade deste menino ter autonomia com as pequenas tarefas do seu dia-a-dia e, com o intuito de despertar uma mudança neste comportamento, e para que este aluno tivesse a oportunidade de tomar decisões que o ajudariam no seu desenvolvimento psíquico, cognitivo e intelectual, aplicamos com ele alguns princípios da pedagogia Ontopsicológica que foram determinantes para que este comportamento tivesse uma melhora precisa e em tempo real. Somos filho único da vida e somos desafiados a desenvolver nosso protagonismo de forma responsável. Embora a criança possa ter limites de aprendizagem, não se deparando com pessoas que o desestimulem ou que o vejam como incapaz, esse pequeno ser, pode chegar a onde ele quer.



Esse relato que é de uma criança portadora de necessidades especiais fez com que analisemos a seguinte situação: “será que esta ciência funciona com este aluno com necessidades especiais?” Giordani e Mendes (2011, p. 54)

Eis a posse de seu ofício. Deve tomar posse, apreender por si mesmo, colocando-se em atenção sobre o que faz e o que isso produz concretamente em seus alunos para, de fato, tornar-se um instrumento eficiente para si mesmo – na aquisição dos instrumentos de sua profissão - e aos alunos – na garantia dos resultados da aplicação técnica de seus instrumentos. (GIORDANI e MENDES 2011, p. 54)

Então através da interação com o aluno, com prática de alguns dos princípios da pedagogia Ontopsicológica Giordani e Mendes (2011, p. 53) ainda nos apontam um caminho na busca da resposta para nossa pergunta dizendo que,

encontrar a lógica simples do conhecimento e facilitar a apreensão da criança daquele conhecimento por meio da cotidiana proposta educativa que realizam: é este movimento que toca o íntimo da criança, ou seja, toca a sua interioridade, provoca a sua inteligência. (GIORDANI e MENDES 2011, p. 54)

No processo de intervenção, chegando perto do menino, a pedagoga em formação entrevistou de forma a responsabilizar a criança por suas atitudes, de modo acolhedor mas principalmente de modo que a informação que passava à ele fosse cônica. E, como em fração de segundos, entendeu que era responsabilidade dele decidir modificar o seu comportamento ou não foi lhe esclarecido as consequências de sua escolha. Giordani e Mendes (2011, p. 52) nos aponta que

a criança deve ser colocada em contato com o conhecimento deste modo, em sentido do seu aqui, agora e assim existencial e não em um amanhã talvez. Ou seja, não se pode negar ou postergar uma responsabilização do presente em detrimento de um possível amanhã.

Logo após ser responsabilizado pela higiene da sua roupa, o aluno olhou para a auxiliar de educação infantil e disse: - *Xixi*. e saiu correndo da sala em direção ao banheiro. Daquele momento em diante não fez mais xixi nas calças, nem na escola e nem em casa. Além de ir ao banheiro e saber se limpar com autonomia. Portanto, o sucesso da intervenção decorre do confronto este aluno com a realidade que se apresentava a ele, explicando o que implicaria a decisão dele e o colocando-o como protagonista responsável.

3. RESULTADOS

Nos quadros a seguir, sintetizamos três princípios

Quadro 1 - Protagonismo responsável

| Caso | Não Utilizando | Utilizando |
|--------------------|--|--|
| A Menino 4 anos | Era agressivo, sem limites, seu passatempo preferido era a televisão | Ficou mais calmo, a TV foi deixada de lado |
| B Menina 4 anos | Usava como artimanha o choro para não comer as refeições na escola | Começou a comer e não choramingar |



| | | |
|---|--|--|
| C Menino 4 anos com Síndrome de Down | Era agressivo, sem limites fazia xixi na calça todos os dias na escola | Não fez mais xixi na calça e ficou mais tranquilo, está exercitando mais a fala. |
|---|--|--|

Fonte: Autores 2016.

Quadro 2 - A criança pode fazer as coisas por ela mesma

| Caso | Não Utilizando | Utilizando a Pedagogia Ontopsicológica |
|---|---|--|
| A Menino 4 anos | Não fazia refeições, na mesa, ficava só sentado na frente da TV e recebia tudo em suas mãos | Autonomia, capacidade de fazer por si só as necessidades básicas |
| B Menina 4 anos | Não se alimentava sozinha, sempre tinha que ter alguém que lhe auxiliava a comer | Autonomia, capacidade de fazer algo sem o adulto intervir |
| C Menino 4 anos com Síndrome de Down | Não conseguia fazer xixi sem o adulto lembrar que deveria fazer suas necessidades | Autonomia e capacidade de lembrar o que ele tinha que fazer |

Fonte: Autores 2016.

Quadro 3 - Adulto de referência, díade e campo semântico

| Caso | Não Utilizando | Utilizando a Pedagogia Ontopsicológica |
|---|---|--|
| A Menino 4 anos | Não fazia as coisas sem o adulto lembrar o que tinha que fazer, falava num tom de bravo | Ficou mais calmo, sentiu-se útil para fazer as atividades propostas |
| B Menina 4 anos | Usava como artimanha o choro para não comer as refeições na escola | Entendeu que o adulto estava ali para ajudar ela e não prejudicar |
| C Menino 4 anos com Síndrome de Down | Era agressivo, sem limites fazia xixi na calça todos os dias na escola | O adulto ajudou a desenvolver a sua autonomia, capaz de fazer por si as suas necessidades fisiológicas |

Fonte: Autores 2016

Os professores podem começar a auxiliar as crianças a modificar seu comportamento, mas nem sempre o fazem, pois a formação que recebem na academia tem se mostrado insuficiente e nem sempre buscam se desenvolver, pois também nós educadores fomos formados dentro de um sistema educacional que não nos vê como seres capazes. E conforme o educador, “é ele que tem que se colocar no lugar de buscar construir também seus saberes, suas habilidades profissionais. Ou seja, é do educador o papel de assumir também seu percurso de formação profissional e não apenas delegar a uma instituição ou a outrem o que cabe a si (ABRAHAM, 1987)” (GIORDANI e MENDES, 2011, p. 54).



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como esse adulto interagiu com a criança, para intervir nestes comportamentos, foi determinante, pois encontrou nos princípios da pedagogia Ontopsicológica o suporte para resolver a situação e obter resultados concretos. Entendemos com isso o que aprendendo o sentido e o contexto em que os comportamentos adotados pela criança foram gerados, se torna simples intervir colocando para a criança que a decisão da mudança é somente dela e as implicações reais que vem junto com o que ela decidir.

As situações vivenciadas foram durante o processo de formação pedagógica e indagando os porquês aqueles comportamentos eram possíveis e como seria possível por meio do trabalho do pedagogo reverter a situação de comportamentos considerados desafiadores e praticamente insolúveis. Busca de onde vem e como a pedagoga em formação poderia resolver aqueles problemas em tempo real a reverter o quadro dependeu de uma maior compreensão da pedagogia Ontopsicológica mas principalmente da transformação do próprio pedagogo.

A perspectiva com relação ao conhecimento adquirido sobre uma nova realidade de se ver a prática educativa objetivou o xeque-mate com as aprendizagens anteriores, quando conhecemos esta nova pedagogia. Por meio dela, começamos a vislumbrar as alternativas que antes não considerávamos possíveis, pois nos questionávamos o que poderíamos fazer para ajudar essa criança a encontrar seu caminho já que muitos não acreditavam na melhora dos casos e que para estes, o caso estava perdido sendo que, já tinham tentado de tudo para amenizar a situação sem êxito.

Esta pedagogia possui o intuito de ajudar o ser humano a encontrar seu lugar como ser existencial, dotado de potencialidades que farão o ser humano a se tornar um ser humano melhor e mais feliz. Ela ainda propicia depois disso, que cada um possa ajudar outro ser humano a encontrar o seu caminho, neste caso educador e aluno. Portanto, estes princípios uma vez aplicados dão concretamente e imediatamente os resultados precisos e reais. Estes princípios para serem implementados, dependem da abertura do pedagogo a aprender novos conhecimentos. Outra descoberta interessante que esta prática nos possibilitou foi repensar o papel do pedagogo na sociedade e, qual é a contribuição que cada um, como humano, pode deixar a toda a sociedade. Outra importante descoberta foi a respeito da responsabilidade individual, de cada um em assumir e escolher qual é o caminho que realmente quer seguir. E, isso foi muito impactante durante todos os dias das experiências e aprendizados da docência.

Considerando a importância da pedagogia Ontopsicológica na formação profissional de docentes, descobrimos que se aprende a ser pedagogo na prática profissional. Ou seja, a ideia de ser professor, não necessariamente é vinculada à ideia de exercer pedagogia, ser pedagogo, fazer pedagogia na prática, mas geralmente está associada a “dar aulas” isto é, a implicar apenas no aspecto de “repassar informações” e nem mesmo, desenvolver o intelecto dos alunos e as demais dimensões humanas como a esfera afetivo-comportamental e todas as demais dimensões que são negligenciadas durante o fazer pedagógico, incluindo a dimensão humana social. E, foi esta uma das principais conclusões que a aprendizagem desta pedagogia em nossa formação nos proporcionou.

Outra implicação na formação do pedagogo é do Protagonismo Responsável, isso significa que, se os professores não assumirem um protagonismo responsável também não conseguirão conduzir seus alunos a se tornarem Protagonistas Responsáveis. Outra importância desta abordagem na formação do futuro pedagogo é que esta pedagogia auxilia o



pedagogo a se ver como pessoa, dotado de potencialidade, um ser capaz, mas que precisa considerar a sua dimensão consciente e inconsciente. E, esta perspectiva foi uma dimensão que não encontramos em outras pedagogias. Outro elemento que poderíamos ressaltar é de que, o adulto é muito importante e que depende dele, mas ele precisa se rever, se deixar discutir para que possa ser referência positiva para a criança e, assim, somente ter o poder de contribuir para que a criança também faça o seu processo evolutivo.

E, por fim, podemos concluir que, não podemos deixar para amanhã o que podemos fazer hoje. Isto é, os problemas que sentimos no dia a dia, podemos resolver eles no próprio contexto sem desgastes afetivos entre os professores e alunos. Assim, podemos notar resultados reais, vivos, concretos. Esta abordagem pedagógica recoloca na mão dos professores o poder de modificar o contexto em que se encontram. Ou seja, em vez do professor ser refém dos problemas dos alunos ele passa a saber compreender e saber como agir em qualquer situação desafiadora da sala de aula. A pedagogia Ontopsicológica restitui ao professor o poder real de qualificação e de intervenção certa na prática pedagógica. Portanto, ela fornece instrumentos concretos ao professor para que ele consiga exercer a sua função de forma eficaz.

5. REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. 2a. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice. 2003.

GIORDANI, E. M. Como educar crianças de seis a doze anos. In: VIDOR, A. et al. **Uma nova pedagogia para a sociedade futura princípios práticos**. Recanto Maestro (RS): OntoEd. 2014. p. 27-40.

GIORDANI, E.M; MENDES, A. M. M. **Pedagogia Ontopsicológica na orientação do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo. Nuances: estudo sobre educação. v. 20, n. 21, set./dez. 2011. p. 44-62

MENEGHETTI, A. **Sistema e personalità**. Roma: Psicologica Editrice, 1994.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

SCATTONE, MARIA RITA. **A sexualidade na relação diádica mãe – filho**. In: Revista Nova Ontopsicologia, nº 2-2007/1-2008, ano XXV, Março 2008.

VIDOR, A. **Relação entre pais e filhos e origem dos problemas**. Passo Fundo: Berthier. 1977.